

**In Fragoso, S., et alli., Comunicação na Cibercultura ed.São Leopoldo : Editora
Unisinos, 2001**

CIBER - FLÂNERIE¹

André Lemos²

“Aquilo a que os homens chamam amor é coisa bem pequena, restrita e frágil, se comparada a essa inefável orgia, a essa santa prostituição da alma entregue por inteiro, poesia e caridade, ao imprevisto que surge, ao desconhecido que passa”.

Charles Baudelaire

Baudelaire tornou célebre a figura do flâneur, aquele poeta-vagabundo cuja atividade se caracteriza pelo andar ocioso, gratuito e errante. A flânerie, ou as vagabundagens iniciáticas³ daqueles que se perdem nas malhas urbanas, não é só errância por lugares instituídos da cidade, mas também produção de sentido. O flâneur inventa a cidade sobre a cidade e suas infra-estruturas. Trata-se mesmo de traçar sulcos na sua superfície, marcar o tecido urbano como um texto alucinadamente atravessado por remissões infinitas. Nesta perspectiva, andar, caminhar, errar pela cidade num ritmo próprio, navegá-la metaforicamente, abrindo-se para os estímulos contraditórios – este exercício de sair de si - resulta numa escrita que a torna um lugar praticado. O mesmo acontece com a prática da navegação pelo ciberespaço.

Vivemos hoje uma relação cada vez mais simbiótica entre o espaço da cidade e o novo espaço cibernético, o ciberespaço. Nesta analogia, podemos ver a navegação hipertextual pela Internet como o exercício de um ciber-flâneur e seu passeio pelo mar de

¹ Este trabalho retoma e aprofunda questões levantadas no artigo A Copacabana de Fausto Fawcett, sobre flânerie, hipertextos e cyberpunks de André Lemos e Simone Andrade Pereira de Sá. No prelo, aprovado para publicação no GT Comunicação e Sociabilidade da COMPÓS, disponível no CD-Rom do VIII Encontro da COMPÓS, Belo Horizonte, 1999. Sou devedor em alguns parágrafos das idéias levantadas por Simone Pereira de Sá. Os erros e deslizos são de minha inteira responsabilidade.

² alemos@ufba.br, Doutor em Sociologia (Sorbonne). Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (Facom/UFBa).

³ Maffesoli, M., Du Nomadisme. Vagabondages Initiatives., Paris, Le Livre de Poche, 1997.

dados. Não mais apenas sobre espaços físicos, mas sobre as malhas virtuais do ciberespaço. Em ambos os processos está em jogo um arranjo do espaço (físico ou cibernético) através de um modelo de conexão generalizada, descentralizada, cujo ponto de partida é constantemente deslocado através da atividade da errância. Não podemos prever que caminho o internauta vai tomar com os links propostos. Neste sentido, flunar numa cidade ou navegar por hipertextos evoca um mesmo processo: leitura (relação corpo - texto) e mapeamentos (relação corpo - espaço), fundindo as figuras do leitor (que segue o mapa) e do escritor (que faz o mapa), do conformista que segue e do aventureiro que faz.

Não é por acaso que parar diante de um imóvel que pertenceu à nossa infância, sentir os cheiros e ruídos que só a nós faz sentido (como magnificamente ilustrado por Marcel Proust e sua Busca do Tempo Perdido), ou clicar num link que aparece (naquele instante) interessante, são procedimentos de errância similares. Assim, da flânerie do poeta urbano à ciber-flânerie eletrônica do internauta não há, neste sentido, muita distância. Vagar pela cidade e clicar em sites na Internet é assim "escrever lendo", é deixar "marcas" a partir de mapas dados, é imprimir nosso "traço" no espaço maleável do cotidiano.

O ciber-flâneur torna-se observador que olha sem julgar, que busca a imersão e não a compreensão, que clica desesperadamente sendo levado à novos espaços digitais. Estamos falando de um comportamento habitual dos internautas: clicar em links de forma mais ou menos aleatória. Assim como existe o flâneur e o passante eficiente das cidade (como ilustrado por Baudelaire e examinado por Benjamin), existe também o internauta objetivo e o ciber-flâneur caótico. Desta forma, falar de ciber-flânerie não aniquila a relação objetiva, funcional e eficiente que esse mesmo ciber-flâneur possa ter com a rede em outros momentos. Da mesma forma que descrevemos o navegar objetivo, podemos descrever também a ciber-flânerie. Se a flânerie parece desaparecer dos espaços urbanos (vivemos cada vez mais sem tempo para o devaneio da errância), a ciber-flânerie surge como uma prática no ciberespaço, resgatando de alguma forma o espírito do flâneur urbano.

A ciber-flânerie no ciberespaço e a flânerie nas cidades nos permitem jogar com o espaço instituído. Instaura-se assim, apropriações silenciosas, minúsculas e banais, práticas de subversão intersticial, possibilidades de se locomover escrevendo pequenas histórias. A partir destes gestos (andar ou clicar), estaríamos deixando marcas próprias e não é a toa

que somos "caçados" pelas impressões eletrônicas que deixamos na Rede. Longe de uma simples consumação passiva dos espaços (urbano ou ciber) estaríamos diante de processos de sedução, de desvio e da apropriação (De Certeau) que impregnam estes mesmos espaços de sentido, já que vividos como experiência.

A aproximação entre flânerie urbana e a ciber-flânerie da navegação hipertextual no ciberespaço nos parece estimulante já que permite a apreensão de ambos os processos, não em oposição, como sugere uma determinada corrente crítica, mas numa linha de ampliação do real, de complexificação dos espaços. Entre a flânerie urbana e aquela por hipertextos eletrônicos o que as une é uma relação com o espaço - artefatos no espaço, corpos no espaço, textos no espaço. A ciber-flânerie traduz-se em uma apropriação do ciberespaço pela hipérbole, pela profusão de informação, pelo excesso. O ciberespaço é esse lugar e espaço relacional (Fragoso), mapa dado mas também reconstruído sem cessar.

Navegar no ciberespaço é andar num labirinto onde escritor e leitor se confundem, aventureiros e conformistas convivem lado a lado. Como espaço relacional, o ciberespaço é mapa dado para aqueles que seguem, objetiva, racional e eficazmente suas ruas, avenidas e becos, ou portais, sites e máquinas de busca no ciberespaço. Mas ele é também um espaço aberto à reconstruções, colocando o ciber-flâneur, como o *screener* (Rosello) dos hipertextos, como aquele que não é mais um leitor no sentido canônico, mas um "devorador de telas", um aventureiro que ao mesmo tempo em que segue o percurso dado, as estruturas de links da Rede (ou seja lê o ciberespaço), constrói e deixa traços, na construção de seus caminhos imprevisíveis (ou seja, ele escreve o ciberespaço). Desta forma, todos estes movimentos de rearticulação de micro-poderes e de luta pelo mapeamento do (ciber) território traduzem-se num processo constante de recriação da cartografia da cidade/ciberespaço, apontado de forma exemplar por Michel de Certeau: "*As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços: com relação às representações, ela permanece cotidianamente, indefinidamente outra*".¹

A ciber-flânerie é flânerie por espaços relacionais criados por estruturas de informação eletrônica (sites, home-pages, portais, documentos) sob a forma de

¹ De Certeau, M.; A Invenção do Cotidiano.1. Artes de Fazer. Petrópolis, Vozes, 1996. p.171

interatividade digital com interfaces gráficas e informações binárias (textos, sons, imagens fixas e animadas). Como a flânerie urbana, ela é uma atividade que se caracteriza pelo andar (clique) ocioso, gratuito e errante daquele que se abandona às impressões do espaço e extrai deste material a inspiração para a sua escrita¹. Como escreve Baudelaire, “*o que são os perigos da floresta e da pradaria comparados com os choques e conflitos diários do mundo civilizado?*”². Nutrindo-se da vida cotidiana das grandes metrópoles estes cronistas acolheram os estímulos provocados por suas cidades que se transformavam rapidamente, traduzindo esta experiência vital, ou seja a de habitar um universo fragmentado e conflituoso; marcado por relações transitórias e fugazes, pelo anonimato e pela solidão; e onde o terror do passado que se despedaça, convive com a euforia proporcionada pelo desfrute de novas tecnologias, de novos ambientes informacionais, de novas relações de sociabilidade³.

Baudelaire conclamava seus contemporâneos a perderem-se na multidão⁴, tomando a cidade como a musa que excita o artista⁵. João do Rio, cronista carioca da virada do século passado, também se interessava pelo espaço urbano do Rio de Janeiro para além das fachadas recém-embelezadas pelo prefeito Pereira Passos. Flanar, para ele, “*é ser vagabundo e refletir*”. A flânerie é o ato vagabundo de vagar pela cidade num ritmo

¹ Walter Benjamin, no célebre ensaio “Paris do Segundo Império” (In: Walter Benjamin – Obras Escolhidas III) refere-se, com certa ironia à atividade do flâneur, enquanto descendendo dos fisiologistas – escritores, estes, de um tipo de literatura tipicamente “pequeno-burguesa” que floresce em Paris por volta de 1840, feita para ser “vendida nas feiras” e que se ocupa da descrição de tipos das ruas da cidade. Mesmo tecendo comentários críticos ao gênero, que segundo ele tentava familiarizar os habitantes da cidade com a inquietação frente a situações novas e estranhas com que se deparavam na metrópole, ele aponta o fundamental da flânerie. Mas, aqui, vale ainda deter-nos na sua distinção fundamental entre os fisiologistas – que fazem um tipo de “botânica do asfalto” descrevendo os tipos da cidade de forma amistosa, tornando-os familiares aos leitores/habitantes; e o flâneur de estirpe baudelaireana, que vai explorar antes o choque, as contradições e ambigüidades deste novo ambiente.

² Apud in Benjamin, op. cit, p. 37.

³ A expressão *experiência* parece-nos fundamental para esta discussão. Cf: “ Experiência e pobreza”, ensaio onde Benjamin deixa clara uma posição que esboça em outras partes de sua obra: a de que a modernidade empobreceu a idéia de experiência, tal como era concebida – leia-se, guiar-se por um tipo de relação com o passado cuja marca advém de sua relação com a perenidade e com a tradição. Assim , ser personagem da cidade como o flâneur ou ser moderno – para ele, sinônimos - é, por excelência, estar obrigado a abandonar este tipo de relação com o passado. Mas, paradoxalmente ela impele o homem moderno a “ir para a frente”, a “começar de novo”; a “construir com pouco”.(Cf: Obras Escolhidas I – Brasiliense, 1985)

⁴ Ver: Baudelaire, C., As multidões (In :O Spleen de Paris, pequenos poemas em prosa. RJ, Imago, 1995 pp. 41-42), poema que traduz este sentimento de forma exemplar: “*Não é dado a qualquer um mergulhar na multidão: tal desfrute é uma arte, e só faz, às expensas do gênero humano, este lauto banquete de vitalidade quem desde o berço recebeu de uma fada o gosto do disfarce e da máscara, o ódio do domicílio e a paixão da viagem*”.

⁵ A ambigüidade do flâneur pode ser marcada pela atitude de distância/mergulho presente neste gesto – o flanador desposa a multidão mas mantém sua solidão. Imerso no turbilhão da cidade, ele vai ser encontrado perdido em devaneios.

próprio, a qualquer hora, observando e se metendo com os mais variados tipos de *outsiders*; resgatando fragmentos da memória de um outro tempo que se esvai; registrando personagens que saem da cena, empurrados pelo espírito da modernidade; se esgueirando por ruelas esquecidas pelo tempo¹. Para João do Rio, “*é preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidade malsãs e os nervos com um pertpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos flâneur e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flânar*”². Da mesma forma Benjamin assinala que para o flâneur: “*os letreiros esmaltados das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apoia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafês, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente*”. O mesmo poderíamos dizer hoje do ciber-flâneur e sua vagabundagem iniciática por portais e os mais variados sites.

Se a ênfase de Benjamin está antes na atividade do olhar do flâneur, gostaríamos de ressaltar uma outra que lhe é complementar: caminhar/escrever. Este binômio enfatiza, neste exercício, o que M. de Certeau exprime como a “*enunciação pedestre*”³. A flânerie, e a ciber-flânerie são, desta forma, atitudes que se configuram como astúcia ou poética do cotidiano que justamente desvia o caminhar/clicar/escrever dos usos programados dos espaços. Cria-se neste movimento aleatório mapas para a circulação singularizada através do duplo exercício de olhar/ler e caminhar/escrever¹ imprevisíveis. Com este duplo gesto trata-se então de traçar sulcos na superfície da cidade/ciberespaço do qual desponta a tessitura como um texto alucinadamente reescrito, perfurado, atravessado por remissões a outros textos. A cidade/ciberespaço passa a ser pensada(o) metaforicamente como um imenso hipertexto formado por espaços heterogêneos que se conectam através do exercício do flâneur: o andar/clicar.

Conforme Benjamin (Cf:A Paris do Segundo Império), ele antes de tudo realiza “estudos” e procura coisa diferente do homem comum. Neste mergulho ele revisita o passado e registra o choque frente às forças da modernidade.

¹ In: A alma encantadora das ruas. RJ, Nova Ed., 1951.

² Antelo, Raúl (org). João do Rio., A Alma Encantadora da Rua., SP, Cia das Letras, 1997.

³ “O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o speech act) está para a língua ou para os enunciados proferidos. (...) e que tem por efeito uma triplíce função enunciativa: é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma realização espacial do lugar (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica relações entre posições diferenciadas, ou seja, “contratos” pragmáticos sob a forma de movimentos”. Op. cit., p. 177.

Andar, caminhar, errar pela cidade num ritmo próprio; navegá-la metaforicamente abrindo-se para os estímulos contraditórios resulta numa escritura que abre clareiras nesta floresta de símbolos (Baudelaire), elevando-a para além de seus limites e tornando-a um lugar praticado, uma cidade transumante estranha à cidade planejada e visível (De Certeau). Desta forma, se o exercício da flânerie lida com a heterogeneidade e a fragmentação², na contemporaneidade, a ciber-flânerie, contrariamente, impõe a ênfase no sentido de levantar âncoras e navegar à deriva por espaços descontínuos, fragmentados e efêmeros. A metáfora da navegação parece aqui dar conta desta dinâmica de movimento. Ela é, como diz o poeta Fernando Pessoa, preciso, no sentido de precisão, mas também de necessidade.

Ciber-flânerie por Hipertextos.

Um primeiro caminho para explorarmos esta questão pode ser encontrado na aproximação entre flânerie e navegação hipertextual, pensando no exercício do cibernauta como um exemplo de flânerie contemporânea –um modelo de conexão generalizada, descentralizada, rizomática, cujo ponto de partida e chegada é constantemente deslocado e atualizado através desta atividade de errância. Trata-se mesmo de uma reconfiguração da relação entre corpo e espaço. Conforme mostra Rosello, *“I would like to convince them that thinking about hypertext is not different from thinking about nationalism, cultures, gender, or storytelling, because it also entails a redefinition of the relationship between bodies and space”*³. Podemos nos referir ao hipertexto como uma forma de organização da informação digital possibilitada pelos avanços da telemática e que se traduz por um conjunto de nós, ligado por conexões permitindo a exploração através de um processo de ‘leitura-navegação’ não-linear e associativo, descentralizado e rizomático¹. Aqui instala-se uma seqüência de processos interativos e criativos advindos das possibilidades de tradução, transformação e passagens através de conexões múltiplas em velocidade - fora de qualquer determinação a

¹ Convém lembrar que, por volta de 1840, o flâneur passeia pelas galerias parisienses acompanhado por tartarugas que lhe ditam o passo – gesto que traduz de forma irônica a insistência do personagem na ociosidade e sua resistência à crescente uniformização do tempo ditada pela busca da produtividade capitalista.

² No romance o Homem sem Qualidades, por ex., Robert Musil descreve Viena como uma cidade única, que pode ser reconhecida “de olhos fechados” a partir de seus sons, do ronco dos automóveis, de todo um rumor que a identifica. Esta experiência de “reconhecer uma cidade de olhos fechados” é que, segundo esta vertente, desapareceu.

³ Rosello, Mireille., *The Screener's Maps: Michel de Certeau's "Wandersmäner" and Paul Auster's Hypertextual Detective*., in Landow, George., *Hyper/Text/Theory*. The John Hopkins University Press, 1994, p. 123.

priori, mesmo com os limites impostos pela sua composição. O mesmo acontece com a flânerie pela cidade de concreto e aço.

Longe de ser apenas um novo suporte técnico para a informação, com os hipertextos o que está em jogo é toda uma outra forma de conceber a produção e apreensão da informação e do conhecimento – um modelo não linear, que permite a concepção, a escritura e a leitura simultâneas – especialmente a partir dos links² - ao mesmo tempo que é um reconfiguração, dinâmica e inacabada do espaço. G. Landow³ vai além ressaltando que os hipertextos são uma espécie de laboratório onde as hipóteses levantadas e sustentadas teoricamente pelos pós-estruturalistas poderiam ser testadas (morte do sujeito, fim das fronteiras, derrocada do racionalismo...).

Os hipermídias permitem assim o questionamento do pensamento logocêntrico ocidental e potencializam as sugestões de Barthes, Derrida e Foucault sobre a necessidade de um outro modelo textual, não mais fundado nas idéias de margem, hierarquia e linearidade – que é o modelo do livro impresso que domina o pensamento ocidental⁴, mas na ruptura, desconstrução e multivocalidade. O hipertexto seria, em outros termos, um modo de conceber novos modos de pensar e organizar o próprio pensamento Ocidental. Assim, explica Landow, “(...)devemos abandonar sistemas conceptuais fundados nas idéias de margem, hierarquia, e linearidade e substituí-los por outros de multilinearidade, nós, links e redes. Quase todos os estudiosos desta mudança de paradigma, que marca uma revolução no pensamento humano, percebem a escrita eletrônica como uma resposta para as forças e fraquezas do livro impresso⁵”.

¹ Landow, George., Hypertext. The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology. The John Hopkins University Press, 1992

² Podemos pensar os links enquanto “*um deslize entre produções diferentes que, mesmo conservando as diferenças, proporciona pontos de encontro entre as mesmas que diluem a nitidez das fronteiras*”. Assim, trata-se de uma “brisure” (do francês brisure) que coloca o que é interior ou exterior à escritura entre parênteses, intensificando o diálogo entre textualidades. Cf: Ribeiro e Jucá: A experiência da hipertextualidade e suas inversões. Lemos, A (org)., in: A Página dos Hipertextos. www.facom.ufba.br/hipertexto.

³ Cf:Landow, op. cit.

⁴ Para Derrida, “*A época do logos, portanto, rebaixa a escritura, pensada como mediação da mediação e queda na exterioridade do sentido. Pertenceria a esta época a diferença entre significado e significante, ou pelo menos o estranho desvio de seu ‘paralelismo’, e sua mútua exterioridade, por extenuada que seja. Esta pertença organizou-se e hierarquizou-se numa história. A diferença entre significado e significante pertence de maneira profunda e implícita à totalidade da grande época abrangida pela história da metafísica...*”, in: De La Grammatologie. Paris, Minuit, 1967

⁵ Landow, G., Hypertext. The Convergence..., op.cit., p.2.

Landow trata o hipertexto como uma estrutura sem centro. O ponto do espaço tido como central (ou de partida) é constantemente atualizado, sendo permanentemente deslocado. Dito de outra forma, o hipertexto é um sinônimo de rede ou de espaço labiríntico cuja movimentação se dá na passagem por links que se ligam de forma plantéria. A rede hipertextual instaura-se assim como um modelo de conexão generalizada e é esta estrutura que potencializa o ato da ciber-flânerie. Para Landow “(...)because hypertext systems permit a reader both to annotate an individual text and to link it to other, perhaps contradictory texts, it destroys one of the most characteristics of the printed text- its separation and univocality. Whenever one places a text within a network of other texts, one forces it to exist as a part of a complex dialogue”¹.

A flânerie permite essa forma de leitura-escrita, criando uma meta-estrutura e reconfigurando o espaço. Da flânerie do poeta urbano à flânerie eletrônica do internauta não há, neste sentido muita distância. Trata-se de um mesmo processo de meta-construção das estruturas (urbana e tecnológica - o ciberespaço). Vagar pela cidade e clicar em *sites* na Internet é assim "escrever lendo", é deixar "marcas" a partir de mapas dados, é imprimir nosso "traço" no espaço ao mesmo tempo maleável e inflexivo do cotidiano. O flâneur, como o ciber-flâneur navegador de hipertextos eletrônicos, é esse personagem para quem o andar não é necessariamente intencional ou objetivo. A flânerie no ciberespaço e nas cidades nos permite uma experiência em um espaço relacional construindo uma forma de escrever percursos além dos "textos" construídos por suas macro-estruturas. O andar do flâneur é assim ato de tomar posse, de marcar simbolicamente o "meu" espaço. Trata-se mesmo de apropriações silenciosas, minúsculas e banais do cotidiano, de práticas de subversão intersticial, de possibilidades de se locomover escrevendo pequenas histórias – forma de apropriação que De Certeau chamou de invenção do cotidiano². Podemos dizer o mesmo da ciber-flânerie. A partir de seus cliques nervosos e aleatórios, este ciber-flâneur imprime traços, deixa marcas. Longe de uma simples "consumação" passiva dos espaços (urbano ou ciber) estaríamos diante de processos dentro de uma lógica da sedução, do desvio, da apropriação, típicos da cibercultura contemporânea.

¹ Landow, G., Hypertext. The Convergence..., op.cit., p.63.

² Ver De Certeau, op. cit, principalmente o capítulo VII.

Tanto a cidade como os hipertextos são (des)organizados de forma a promover uma marca (escrita) não-linear, indexada a associações de idéias e conceitos. Aqui o mapa não é o território. Esses *links*, ou *lexias* como propôs Barthes, são obviamente dependentes de estruturas prévias. No entanto, essas estruturas não são totalmente determinantes. Como mostra Rosello, “*whoever observes the flâneur (...) has to think the relationship between the traveler's body and the map, but also the status of the map as a metaphorical rendition of space: the flâneur body, which does not follow a route or invent new paths toward an old destination, also subvert the vision of space as an empty vessel, a mere neutral receptacle of the network*”¹.

Em recente trabalho, Suely Fragoso vai argüir se o ciberespaço pode se constituir em um espaço, ou se este conceito seria usado apenas como uma metáfora. Mostrando de forma convincente a maneira como navegamos no ciberespaço, a autora afirma que o ciberespaço pode ser considerado um espaço, dada a nossa percepção de caminhos entre páginas e de deslocamento para frente ou para trás entre os links. Esta forma de compreensão do espaço faz com que o caminho do internauta se dê, não em um espaço geográfico, mas num “espaço relacional”. Como afirma Fragoso, “*deste modo é possível experienciar, mas não visualizar, as relações que as diferentes páginas da Web mantém umas com as outras*”². O ciber-flâneur vai assim se deslocar por páginas construindo um sentido de espacialidade ajudado pelo tempo de carregamento. O *download* da página marca uma temporalidade que reforça esta experiência de uma relação espacial: o tempo de ir de um link a outro. Mais uma vez a comparação entre flâneur do espaço euclidiano e o ciber-flâneur do ciberespaço pode ser feita e reforçada pelas características relacionais da experiência. Assim, aquele que chamamos de ciber-flâneur navega no ciberespaço de forma totalmente indeterminada a priori. Como mostra Fragoso, “*percursos realizados na WWW configuram uma estrutura espacial que não necessariamente permite ao usuário prever os destinos de links semelhantes...*”¹.

O caminhar vagabundo do flâneur encontra eco na navegação caótica do ciber-flâneur. A interação hipertextual do ciberespaço, para usar um conceito mais genérico, torna-se bastante imbricada à nossa capacidade de imaginar e penetrar neste universo, de

¹ Rosello, M., op.cit., p.134.

² Fragoso, Suely, Espaço, Ciberespaço, Hiperespaço., mimeo., inédito, p.6.

colar o ambiente à nossa experiência referindo-se a conexões da nossa memória que se dão de forma não linear. Ela permanece dependente da estrutura, mas impotente às ações tortuosas do usuário-leitor-navegador, do *screener*, do ciber-flâneur. Como afirma Rosello: “*In hypertext, I strongly suspect, the difference between the two kind of travelers will collapse at the same time as the reader and the writer are redefined as screener*”².

A atividade do ciber-flâneur não mais é uma verdadeira leitura, no sentido clássico, mas um estado de “atenção-navegação-interação”. O percurso é agora indeterminado, independente da estrutura inicial do texto, e dependente da “ação” do “usuário-ator-navegador”³. O ciberespaço, como uma meta-cidade (ou uma mega-cidade de bits), é um imenso hipertexto mundial interativo, onde cada um pode adicionar, retirar e modificar partes desse texto vivo escrevendo sua pequena história junto a essa inteligência coletiva⁴, à esse *Cybionte*⁵ em curso de concretização.

Em suma, a aproximação entre a flânerie urbana e a ciber-flânerie da navegação hipertextual nos permite em primeiro lugar considerar o ciberespaço como um espaço relacional e em segundo lugar evitar o que alguns, erroneamente, chamam de “irrealidade” da experiência virtual. A ciber-flânerie pode assim ser compreendida como uma forma de ampliação metafórica do flunar urbano, reconhecendo, na virtualização, um aumento dos poderes da imaginação e da intuição⁶ que complexifica a experiência do antigo flâneur.

Trata-se mesmo de diferenças de escala. Se na “vida real” a concretude e materialidade do corpo e do espaço físico determinam e constroem a identidade, a relação indivíduo-mundo e as formas de sociabilidade (e portanto a flânerie), toda uma outra forma de socialidade⁷ caótica e fractal, descentralizada, dispersa e múltipla, fundada antes em multi-personalidades, em comunidades sem proximidade e atuando por

¹ Fragoso, S., op.cit., p.8

² Rosello, M., op.cit., p.130.

³ Wooley, B., *Virtual Worlds. A Journey in Hype and Hyperreality.*, Penguin Books, 1992., p. 165.

⁴ Lévy, P. *L'Intelligence Collective. Pour une Anthropologie du Cyberspace*, Paris, la Découverte, 1994.

⁵ “Cybionte” é o nome dado por Jöel de Rosnay ao ciberespaço, essa entidade que, segundo o autor, forma-se a partir de uma simbiose entre os neurônios e o silício. Ver Rosnay, J. de., *L'Homme Symbiotique.*, Paris, Seuil, 1995.

⁶ Cf: Lévy. Op. cit.

⁷ Para Maffesoli o conceito de “socialidade” é definido em oposição àquele de “sociabilidade”. A socialidade marcaria (“daria o tom”) os agrupamentos urbanos contemporâneos, colocando ênfase na “tragédia do presente”, no instante vivido além de projeções futuristas ou morais, nas relações banais do cotidiano, nos momentos não institucionais, racionais ou

identificações efêmeras e sucessivas exacerba-se a partir dos fluxos virtualizantes do ciberespaço (chats, listas de discussão, portais e diversas comunidades virtuais). A dimensão de “espaço relacional” do ciberespaço, constituída a partir das características combinadas de ateritorialidade, imaterialidade, instantaneidade e interatividade¹, circunscreve a analogia entre as metrópoles concretas e as mega-cidades de bits. Conforme já ressaltado “*A desmaterialização numérica do mundo nos leva ao centro deste furacão dos sentidos que é a indiferenciação cada vez maior entre o “visível” e o “invisível”, entre o físico e o “não-físico”. A miniaturização e a transformação do mundo em bits muda, de forma radical, a nossa experiência no mundo*”².

O ciberespaço, como um hipertexto mundial torna-se a “ecologia” sócio-cultural da cibercultura³, o espaço do ciber-flâneur que todos nós internautas somos um pouco. A sua estrutura em rede permite o livre caminhar por *links*, como um ciber-flâneur, experimentando a não-linearidade (ou multi-linearidade), a multiplicidade e a heterogeneidade de pontos de vistas. Trata-se de uma nova experiência quotidiana criada a partir da interligação dos espaços em redes telemáticas, não como experiência de privação, isolamento ou desrealização, mas como forma de construir e inventar o dia a dia.

finalistas da vida de todo dia. Isso a diferencia da sociabilidade que se caracteriza por relações institucionalizadas e formais de uma determinada sociedade. Ver Maffesoli, M., *A Conquista do Presente.*, RJ, Rocco, 1984.

¹ Ver Lemos, A ., *Anjos Interativos...*, op.cit.

² Lemos, A ., *As Estruturas Antropológicas do Ciberespaço.*, in *Textos*, n. 36, FACOM/UFBa., 1997.

³ A cibercultura pode ser definida como um arranjo cultural influenciado pelas tecnologias digitais e pelas redes telemáticas. Lemos, A . *La Cyberculture. Les Nouvelles Technologies et la Société Contemporaine.*, Tese de Doutorado, Paris V - Sorbonne, 1995.